

### ENTRELINHAS DO CURRÍCULO

Jacinta Lúcia Rizzi Marcom<sup>1</sup>  
Idianes Tereza Mascarelo<sup>2</sup>  
Adriana Regina Vettorazzi Schmitt<sup>3</sup>  
Ademir Juvêncio da Silva<sup>4</sup>

Quando se voltam olhares no sentido de pensar o currículo dentro da instituição escolar, nota-se que existem diversas concepções, derivadas dos mais variados modos pelos quais se pensa a educação, e que perpassam a prática pedagógica docente e o processo ensino-aprendizagem. Contudo, é fundamental compreender que esse importante elemento educacional, essencialmente na contemporaneidade, não pode ser veiculado apenas como um simples guia curricular, e por isso ousamos apontar a necessidade de aprofundar as discussões a respeito do tema, buscando compreender a complexidade do conceito de currículo identificando os principais fatores que influenciam a sua construção.

Nesse contexto, destaca-se a importância do diálogo com os pares para que, enquanto protagonistas da ação pedagógica, possam contribuir com a elaboração de um currículo que abarque a diversidade da escola, assim, os procedimentos metodológicos que delineiam esse estudo compõem-se de uma pesquisa de campo desenvolvida com professores da educação profissional do IFSC – Câmpus São Miguel do Oeste, organizada por cinco perguntas abertas, cujo enfoque foi o tema “As entrelinhas do currículo, seus desafios e possibilidades”.

Com base nessas respostas, a reflexão inicia-se pelo conceito de currículo. Um dos primeiros resultados que destacamos nos remete a concluir que nem todos os professores têm clareza do que é currículo e qual sua função dentro das escolas, uma vez que são várias as concepções utilizadas para referenciar a indagação do que entendiam por currículo e qual seria efetivamente a função dele para docentes e comunidade escolar. Parece-nos relevante pontuar que uma análise epistêmica desses conceitos ganha sentido, para que, de forma segura, esses

<sup>1</sup> IFSC – [jacinta.marcom@ifsc.edu.br](mailto:jacinta.marcom@ifsc.edu.br)

<sup>2</sup> IFSC – [idianes.mascarelo@ifsc.edu.br](mailto:idianes.mascarelo@ifsc.edu.br)

<sup>3</sup> IFSC – [adrianarschmitt@gmail.com](mailto:adrianarschmitt@gmail.com)

<sup>4</sup> IFSC – [ademir.juvenio@ifsc.edu.br](mailto:ademir.juvenio@ifsc.edu.br)

# III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

docentes se apropriem de argumentos pertinentes capazes de dar significado aos desafios que a contemporaneidade impõe às escolas, quando pensam seu currículo. Quando o professor afirma que o “Currículo tem relação com as disciplinas que compõem o curso”, ou que “É o conjunto das coisas que precisam ser abordadas, tratadas, trabalhadas, dentro de um determinado curso, dentro de um determinado processo formativo”, percebemos que o conceito abarcado limita-se. Nestes termos, resgatamos em Vasconcelos (2011) que o currículo deve ser pensado enquanto artefato social e cultural. Mas, como pensar o currículo enquanto artefato social e cultural? Veiga-Neto, por sua vez, também endossa a análise de autor supracitado apostando que o

Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito- (2002, p. 7).

É importante acrescentar que o currículo enquanto conjunto de ações perpassa duas grandes compreensões: primeiro, ele é pensado enquanto documento oficial, carta de intenções, proposta de seleção e organização de experiências curriculares que serão desenvolvidas pela escola, é o chamado currículo formal. A posteriori, acrescenta-se que sua segunda dimensão relaciona o currículo intimamente envolvido com o processo cultural e com a construção de identidades locais e nacionais, o que associa o currículo a um conjunto de atividades intencionalmente desenvolvidas para o processo formativo.

Um segundo resultado que identificamos dá conta do entendimento do que é o currículo oculto e como ele é percebido nas atividades docentes. A maioria das respostas dão conta do entendimento do conceito de currículo oculto de forma mais rasa, definindo-o como “aquele que está nas entrelinhas do currículo formal”. De acordo com os profissionais que participaram do questionário, faz-se importante pensar o currículo oculto na prática. Nem sempre a proposta do currículo formal se traduz do jeito como ela foi pensada. Assim, o currículo oculto toma forma no percurso de saberes que emerge efetivamente no momento em que a atividade é realizada pelo estudante dentro da sala de aula, e, diga-se de passagem, nem

Programas organizadores



UNIOESTE  
CAMPUS DE  
CASCAVEL

PPGE  
Programa de  
Pós-Graduação  
em Educação



Mestrado  
em Educação  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd  
Programa de Pós-Graduação  
em Educação

# III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

sempre as situações vivenciadas coincidem com a intencionalidade da proposta inicialmente definida, ou seja, o currículo oculto é a dimensão implícita do processo educativo.

Nessa mesma linha, Giroux propõe algumas bases fundamentais para melhor compreender as entrelinhas do currículo oculto vivenciado no ambiente escolar. O autor afirma:

As escolas não podem ser analisadas como instituições removidas do contexto socioeconômico em que estão situadas; As escolas são espaços políticos envolvidos na construção e controle do discurso, dos significados e das subjetividades; Os valores e crenças do senso comum que guiam e estruturam a prática escolar não são universais a priori, mas construções sociais baseadas em pressuposições normativas políticas (1986, p. 70).

É importante trazer ao debate que a natureza do currículo oculto está presente, mas não explicitada, no ensino e na formação do cidadão. Por meio das experiências e da sistemática com que se trabalha no currículo oculto, os valores culturais, econômicos e políticos são camuflados e aparecem sutilmente na organização curricular (SOUZA E ARAÚJO, 2013).

Sem dúvidas, pensar o currículo e sua relação com o conhecimento e a cultura não é brincadeira. Silva (1999a) destaca que o currículo deve, portanto, ser entendido como as experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades de nossos/as estudantes.

A priori, o currículo deve ser construído pela sua coletividade, no entanto, o docente tem papel fundamental nesta construção, uma vez que é na prática da sala de aula que a proposta se materializa. Ainda, é de suma importância buscar respostas às diversas indagações que nos saltam aos olhos quando de forma crítica percebemos a finalidade tanto do currículo formal quanto do currículo oculto. Compreender para que servem as escolas? Qual a função desta instituição? O que é importante ensinar aos estudantes que passam por ela? Se existem conhecimentos menos ou mais valiosos? dentre outros, são elementos importantes que dão suporte à necessidade de definirmos diretrizes para a ação curricular.

Indubitavelmente, a educação é algo intencional, e é por intermédio do currículo que as “coisas” acontecem na escola. Um terceiro elemento que trazemos para a discussão volta-se ao fato de como os docentes materializam o currículo dentro das suas unidades curriculares

Programas organizadores



# III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

pensando as interpelações possíveis com as demais áreas do conhecimento. Nesse sentido, os docentes trazem argumentos relevantes para discussão observando que a prática é diferente daquilo que deveria ser feito. A instituição, por vezes, reproduz práticas curriculares que não necessariamente dão conta do perfil de egresso que, através do currículo, queremos formar. Se o papel fundamental da instituição escolar é conferir às pessoas conhecimento, saberes elaborados, enquanto direito de todos os estudantes, logicamente devemos ter em mente que nem tudo cabe no currículo e diante disso precisamos fazer escolhas. Por trás destas escolhas, existem muitos interesses envolvidos que normalmente só são conquistados com muitas lutas objetivando garantir este acesso. Neste viés, enquanto profissionais da educação, embora façamos estas escolhas, acrescenta-se a necessidade de dar elementos aos estudantes para aguçar aquilo que Freire (1992) chama de “estranhamento” do mundo. Portanto, o conhecimento escolar precisa contemplar a inclusão de conhecimentos relevantes e significativos para a composição curricular.

Cabe registrar que, de acordo com Moreira (2007), a compreensão do processo de construção do conhecimento escolar facilita ao professor uma maior compreensão do próprio processo pedagógico, o que pode estimular novas abordagens, na tentativa tanto de bem selecionar e organizar os conhecimentos quanto de conferir uma orientação cultural ao currículo.

Neste sentido, quando um grupo compartilha uma cultura, compartilha significados construídos, aprendidos, ensinados nas práticas educativas. Todavia, é exatamente por meio do currículo que certos grupos sociais, especialmente os dominantes, travam competições em torno de campos de lutas no mundo das ideias e de concepções teórico-pedagógicas que expressam sua visão de mundo, seus projetos sociais, sua “verdade”. É aqui que está nossa grande dificuldade, pois, via de regra, os grupos dominantes trabalham sob uma ideologia que pode mascarar todo um conjunto de valores ou um discurso epistemológico imposto para ser efetivado.

Se as decisões curriculares não são neutras e nem científicas, envolvem questões éticas, políticas, técnicas e estéticas. Ousamos acrescentar que no currículo também deve ser contemplada a pluralidade multicultural. No que tange à diversidade, não raro, a escola recebe estudantes de diferentes classes sociais, gêneros, etnias, sexualidades, culturas e religiões,

Programas organizadores



UNIOESTE  
CAMPUS DE  
CASCAVEL

PPGE  
Programa de  
Pós-Graduação  
em Educação



Mestrado  
em Educação  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd  
Programa de Pós-Graduação  
em Educação

# III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

ainda que a escola tenha resistência em incorporar práticas capazes de permitir e facilitar o intercâmbio de saberes e contemplar conteúdos culturais.

Assim, é pertinente aferir que o currículo dotado de pluralidade acarreta confrontos e conflitos. Para Alfredo Veiga-Neto (2007), a escola encontra-se em crise, pois se encontra desencaixada da sociedade, apesar do seu indubitável papel, mas faz-se importante na voz de Sacristán (2000, p. 19) interpor que

O conteúdo é condição lógica do ensino, e o currículo é, antes de mais nada, a seleção cultural estruturada sob chaves psicopedagógicas dessa cultura que se oferece como projeto para a instituição escolar. Esquecer isto supõe introduzir-se por um caminho no qual se perde de vista a função cultural da escola e do ensino.

Destarte, sem a intenção de finalizar a discussão, salientamos que a pesquisa aponta que compreender o currículo ainda se traduz numa tarefa complexa e controversa e que necessita de muitos passos se quisermos avançar na construção de um bom currículo entendido de maneira mais ampla. Ainda, ganha sentido dizer que há um imenso contraste entre a teoria e a prática, já que, na maioria das vezes, os estudiosos do currículo não o elaboram. Assim, os protagonistas devem ser todos os atores da comunidade escolar.

Reafirmamos que o modo como a estrutura curricular é elaborada e desenvolvida pela escola influencia, sobretudo, na maneira pela qual o estudante constitui o conhecimento escolar e como se relaciona em sociedade. Para além, condiciona, também, a forma como o estudante compreende e pensa sobre o mundo. Acrescentamos as palavras de Madeleine Grumer (1988, p. 122) que coloca “[...] o problema de estudar o currículo é que somos o currículo”. Pensemos nisso.

**Palavras-chave:** Currículo. Instituição escolar. Prática docente. Processo ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS:

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

Programas organizadores



UNIOESTE  
CAMPUS DE  
CASCAVEL

PPGE  
Programa de  
Pós-Graduação  
em Educação



Mestrado  
em Educação  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd  
Programa de Pós-Graduação  
em Educação

# III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

GIROUX, H. **Teoria crítica e resistência em educação** (para além das teorias da reprodução) Petrópolis, Vozes, 1986.

GRUMET, M. R. **Bitter Milk: Women and Teaching**. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1988.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. **Currículo, conhecimento e cultura: indagações sobre currículos**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>. Acesso em 27 out. 2020.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SOUZA, J. R. M.; ARAUJO, A. C. U. A Dimensão oculta do currículo no ensino da Língua Portuguesa na EJA: Estudo de caso. **ESPAÇO DO CURRÍCULO**, v.6, n.3, p.536-548, Setembro a Dezembro de 2013.

VASCONCELLOS, C. S.. **Currículo: a atividade humana como princípio educativo**. 3. ed. São Paulo: Libertad, 2011.

VEIGA-NETO, A. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da humanidade. In: **A escola tem futuro?** 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

Programas organizadores

